

Edson Santos Silva
Carolina Filipaki de Carvalho
Luiza Oliveira Troczinski
Sibele Barause
Wallas Jefferson de Lima
(organizadores)

SÁBADOS LITERÁRIOS – 2019

A Literatura faz do saber uma festa

1ª Edição
São Paulo
Todas as Musas
2020

Editor: Flavio Felicio Botton
Supervisão Editorial: Fernanda Verdasca Botton
Capa e diagramação: Studio Vintage Br
Edson Santos Silva ©

Doi: 10.29327/516472

Conselho Editorial:
Dra. Alice Vieira (USP)
Dra. Ellen Gonzaga Lima Souza (UFLA)
Dr. Orlando Luiz de Araújo (UFC)
Dra. Regina Chicoski (UNICENTRO/I)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia
autorização dos organizadores.



Literatura croata no seu caminho da modernidade: Radovan Ivšić e Drago Štambuk

Milan Puh ⁴⁵

CURTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA ATÉ O MODERNISMO

A Croácia, ainda considerada um país novo no Brasil, conta com uma história complexa, sempre compartilhando espaço e temas com outras nações. Passou por uniões com húngaros, austríacos, ocupações e resistências, às quais se soma a presença italiana, turca, romana e eslava para compor um mosaico riquíssimo em trocas. Talvez isso seja o que mais a aproxima do Brasil - a ainda pouco reconhecida e explorada diversidade étnica, racial e cultural que foi explorada em Puh (2014), de modo comparativo. Além deste artigo em que foram colocadas par a par algumas das suas semelhanças e diferenças brasileiras e croatas no que se refere à emancipação linguística e cultural, nas publicações de 2018 e 2019 a respeito da imigração croata no Brasil, foram estudados os elementos de hibridismo da identidade croata e a constituição de políticas linguísticas marcadas pelas ideologias de unitarismo e purismo. A partir dessas produções acadêmicas, podemos constatar que, apesar de não ter tido um estado próprio durante praticamente nove séculos, as elites, e, mais recentemente, o povo croata sempre procurou manter a sua autonomia e independência, tentando achar o seu caminho entre esses dois polos – unir-se a outros e emancipar-se deles.

O argumento deste artigo irá nessa direção, mostrar o caminho que esse país traçou para que possamos entender a importância e o valor que a produção literária, bem como a cultural, desses dois poetas croatas faz possível aproximar a literatura croata um pouco mais com a brasileira.

Um povo, bem antes de se entender como croata, chega ao mar Adriático, e pelo fato de não ter ainda a sabedoria de navegação,

decide ficar. Sua língua, de origem eslava, preserva-se na igreja católica, isto é, não foi substituída pelo latim, pois foi permitido que a liturgia fosse realizada no antigo eslavo eclesiástico, um denominador comum para todas as línguas eslavas do Leste Europeu (esloveno, sérvio, macedônio, búlgaro, russo, ucraniano, bielorusso, polonês, eslovaco, tcheco e croata). Essa língua eclesiástica possibilitou o surgimento da primeira literatura ainda na virada do ano 1000. O seu lugar não foi garantido somente na oralidade, mas também na escrita, quando os irmãos Cirilo e Metódio inventaram o alfabeto glagolítico, que foi utilizado para escrever a Bíblia nessa primeira língua, e que dará espaço para que vários dialetos e falares se formassem ao longo dos próximos 500 anos. A Croácia pode contar com três principais dialetos, que receberam o seu nome pela diferença no pronome interrogativo “o que” - što, kaj e ča, que serão usados para nomear o dialeto štokaviano, čakaviano e kajkaviano, importantíssimos para a produção de Drago Štambuk, que os integra em torno da sua “fórmula dourada” que, para ele, é garantia da singularidade e sobrevivência da língua croata.

Cada região produz a sua literatura, dentre elas a que mais se destaca é a de Dubrovnik, uma pequena grande cidade-estado no Sul da Croácia, cuja riqueza econômica e literária solidificou a sua variante štokaviana como base para a futura padronização do croata no século 19. Chegando ao século 19, a curta presença napoleônica, além de contribuir para a mudança drástica no cenário europeu, fez as elites croatas iniciarem um processo de questionamento e elaboração de um projeto nacional(ista). Daí começam as explorações – na pintura, na língua, na política e em especial na literatura. Antes de começar qualquer processo de fortalecimento identitário nacional, no caso croata, pensou-se em criar um novo alfabeto, que não seria tão unicamente croata como o glagolítico, mas que não se submetesse às diversas grafias húngaras, italianas, latinas e alemãs da sua oralidade. Em 1830, o linguista e escritor Ljudevit Gaj propõe a primeira e única reforma ortográfica, apresentando o alfabeto latino croatizado, no qual os acentos gráficos foram restritos à marcação de sons chiados em letras c,s,z,d. Rapidamente foi aceito, garantindo uma unificação por meio da escrita de todas as terras croatas e de seus vizinhos, em vigor

ainda hoje no país, com suas 30 letras que representam 30 sons. Com essa criação, dá-se início ao Renascimento Popular Croata, o movimento nacional de uma população esquecida e negligenciada pelo poder de Viena, que governou a região desde entre 1526 e 1918. Os países ibéricos colonizam a América e os germânicos o Leste Europeu, conclui-se na obra de Puh (2014). Mas a vontade de independência renasce no povo croata e o leva a agir até 1918, quando se vê livre do domínio do Império austro-húngaro, mas ameaçado novamente de todos os cantos. Salvar-se significa unir-se novamente, agora com vizinhos, irmãos e primos, formando o país dos eslavos do Sul – a Iugoslávia, e é aqui, até um pouco antes, que paramos o nosso percurso histórico rápido, chegando ao modernismo.

O MODERNO MODERNISMO CROATA E SEU CAMINHO ATÉ A MODERNIDADE

Oficialmente inicia-se em 1891, com o Janko Leskovar, que publica *O pensamento na eternidade*, acompanhado por Anton Gustav Matoš, em 1892, com *O poder da consciência*. O ano de 1895 foi importante, pois o imperador austro-húngaro chega em Zagreb para inaugurar o novo prédio do Teatro Nacional Croata. Os estudantes, em protesto à política agressiva da Hungria que dominava a parte continental da Croácia administrativa e politicamente, queimam a bandeira húngara. A Áustria e a Hungria não permitiam um desenvolvimento demais rápido da indústria croata, que fazia parte do Império que explorava as riquezas naturais do país. Tal ato resultou em punições severas, pois uma parte deles foi expulsa da Universidade de Zagreb e foi estudar em Praga ou Viena. Assim, entram em contato com as novas correntes da arte. Antes desses acontecimentos apareciam, embora isoladamente, obras que destoavam do realismo preponderante na época da chamada *belle époque* croata. Em vez de proporcionar contos divididos em folhetos, aparecem obras mais curtas, com lirismo acentuado. Nessa época, nos círculos intelectuais percebe-se pessimismo e resignação, seguindo a filosofia ocidental bem presente inclusive na obra de Ivšić, que se encontraria exilado na França nos 1950. Em decorrência da saída de uma grande parte dos estudantes

que futuramente serão protagonistas no modernismo, apareceram dois principais grupos literários:

1. Grupo de Praga – que procura descrever a vida social nas obras, assumindo uma abordagem sociológico-psicológica.
2. Grupo de Viena – Os autores fogem dos problemas, da realidade, das pessoas. Em suas atitudes são considerados verdadeiros modernistas.

Embora existam diferenças consideráveis entre esses grupos, é possível encontrar características em comum: a) rompimento com as tradições da época; b) luta contra os gêneros literários fechados (realismo e naturalismo); c) crítica da literatura croata atual; d) maior liberdade de criação. Em muitos aspectos, o legado desse primeiro modernismo é perceptível nas obras de Štambuk e Ivšić, que se opõem a gêneros literários fechados, são críticos com o estado da literatura e da sociedade e procuram na sua expressividade poética uma maior liberdade de criação. Aqui citaremos um dos poemas do mencionado Antun Gustav Matoš, que nos parece representativo dessa época.

À jovem Croácia
O nosso gosto escolhe somente impressão rara
e odeia tudo que parece frase e poses.
Ao coração recém-escolhido fala a lira
e não é canção que puxam muitos.
O nosso verso é vida que canta a alma.
O que pode dizer a prosa, damos à prosa,
e a estrofe deve tocar com a magia
e despertar em nós o que é do deus e da deusa.
Numa época de tolos se passando de pessoas sabias,
nós, nimfoleptos, sentimos em harmonia,
pois a finalidade de tudo é a nossa alma sofisticada,
Cantamos o hino à beleza pura
O Sátiro divino nos dá piedade
para a Páscoa florida da Plêiade!

Além dos dois grupos modernistas exilados nas grandes capitais do Império, na Croácia permanecem e se afirmam os escritores que cultivam literatura regional, que lança mão de herança dos três dialetos e suas variantes, contrapondo-se ao cosmopolitismo-

politizado das cidades. Não é por acaso que os autores contemporâneos como Štambuk aproveitam as contribuições estilísticas, lexicais e imagéticas das inspirações locais. Vejamos o poema de Fran Galović, principal modernista do dialeto kajkaviano, típico para a região da capital Zagreb e Norte da Croácia.

Preto e branco
Preto-branco...preto-branco
no matagal cantando
uvas amadurecendo...
Preto-branco...enquanto a noite não escurecer,
ele arrasta a canção
querida e anciã,
alegre e vinhenta
preto-branco...preto-branco...

A canção essa de outono
nós ouvimos de fato
três noites aqui...
preto-branco.

e sabemos, que é verão
foi-se, assim-como se estivéssemos sonhando...
preto-branco...preto-branco

Uma terceira vertente que surge nessa virada do século, e que continuará influenciando escritores croatas ao longo do século 20, foi a literatura mitológica, em que se resgata a cultura popular, as raízes eslavas. Os escritores começam a procurar pela identidade e formação da nação croata, inspirados pelos estudos folclóricos e pelas vivências na zona rural. O próprio Radovan Ivšić começa com a sua produção buscando referências mitológicas para terminar no surrealismo, e criando um “novo mito”, que se distanciaria do já conhecimento; e procuraria quase psicanaliticamente, poderíamos dizer, novas visões do que mitologia (eslava) é capaz de oferecer. Apresentamos neste momento o poema do famoso Vladimir Vidrić, colocado dentro do impressionismo do fim de século croata, que deixou um legado importante em suas andanças por diversas cidades: Viena, Graz e Praga. Segue o poema dedicado ao deus mais alto do panteão dos eslavos.

Perun

Na colina com grama, acima de 7 águas
Perun Troante governa,
cochilando levemente, baixando o ceptro
e sua cabeça grisalha caindo.

Em sua volta ventos voando,
crianças marotas do céu,
operários divinos, enfeitando a terra,
levando pão a essa terrinha.

Com eles, ele, o ancião, lidera os coros,
perguntando o que trazem das águas,
o que trazem dos bosques, o que trazem dos vales,
do povo eslavo a ele querido.

E eles voam, batendo as asas
em volta do ancião Perun,
e jogam frutas e trigos dourado
em baixo de seu trono.

E voando gritam: Clemência, ó Deus!
Copos de pedra circulam!
Campos ecoando! O povo desfrutando -
e as moças servido os hospedes.

Numa roda barulhenta a bênção comenta:
seu poeta, rei dos reis –
direciona os olhos cegos ao céu
e canção linda te canta.

Após o fim do Império Austro-Húngaro, cria-se a Iugoslávia monárquica, cuja realidade político-social não deixa margem para as produções modernistas, mas sim de realismo social. Isso fica marcado especialmente nos anos 30, cheios de desconfiança e medo, uma guerra se concretizando aos poucos, o que faz da poesia se esconder em versos realistas, naturalistas e denunciastas. Depois silêncio, só o barulho estrondoso das granadas e balas que marcam o início da Segunda Guerra Mundial e a ascensão de um governo radicalmente nacional na Croácia, que recebe apoio da Alemanha e Itália. Nesse cenário, muitos escritores são perseguidos, incluindo o próprio Ivšić, tido como poeta decadente, mas em breve cessa e em 1945 aparece a

nova Iugoslávia, agora socialista. No pós-guerra, nessa nova união dos eslavos, segundos alguns, mais autônoma, procurava-se uma terceira via que não dependeria de Estados Unidos e nem da União Soviética, com fé num futuro melhor coletivo e diverso. Procuram-se novos círculos e novas razões de ser, e de ambos se criam revistas que marcam, a partir de 1952, a segunda fase do modernismo croata.

Um grupo de poetas se reúne na revista *Círculos* (Krugovi), com o lema “que seja vivaz”, estimulando o pluralismo de expressão e afirmação do espírito de tolerância, direito à diferença e expressão própria, tão cara a ambos os escritores escolhidos. Para esse círculo, a literatura é um espaço de busca e experimentação, em que os escritores expressam a sua insatisfação com a pressão ideológica dos governantes, atitude tão próxima ao que Radovan Ivšić expressava na sua produção artística, antes e depois do seu exílio na França, em 1954. Não muito longe dessa postura, situa-se Drago Štambuk que, nas suas obras, critica as intolerâncias e as ideologias de todos os tipos que pressionam as diversas culturas do mundo, afirmando a sua orientação cosmopolita, que era cara para a poética dos *Círculos*, seus principais representantes, sendo Slavko Mihalić, Josip Pupačić, Ivan Slamnig, Jure Kaštelan e Vesna Parun. Escolhemos Jure Kaštelan que, na sua escrita, reflete o sentimento de separação em seus múltiplos entendimentos, pois tanto Ivšić quanto Štambuk se encontraram separados da sua pátria, dos entes queridos e da possibilidade de ver o seu país livre das amarras da não- liberdade.

Separação
Você virou grama ou nuvem que desaparece,
não importa.

E nos rochedos as águias te acompanham
nas águas e entre as estrelas.

Não posso separar os olhos,
as fontes estão olhando para o mesmo mar.
Não há separação

Não há morte.

Se eu escuto o vento

ouço a sua voz.

Se eu olho para morte
escuto a sua canção.
Eu gostaria que você me amasse

Eu gostaria que você me amasse,
e que fosse uma flor no seu cabelo,
Se você é noite, eu serei a alvorada
e um relâmpago de luz no orvalho.

Eu gostaria que você me amasse
e que todos os dias fossem canção,
se você é fonte, eu serei também
no rocha da fonte clara.

Por outro lado, havia um grupo de escritores que se juntaram para participar da revista *Razão* (Razlog), seguindo uma incessante procura de equilíbrio entre as aspirações literárias e filosóficas na sua vertente existencialista. Aqui a poesia (hermética) permanece a base e o princípio de produção, que quer trazer as impressões da mente de um homem moderno que tem seus dilemas éticos e civilizatórios. Questiona a solidão e a alienação moderna, insistindo na imagem do ser humano desenraizado, distante da sociedade, altamente discutido por Štambuk na sua poesia, enquanto Ivšić prefere tratar o assunto de modo mais indireto através dos mecanismos surreais de escrita. Agora traremos um poema de Dubravko Horvatić, o qual junto com Ante Stamać, Zvonimir Mrkonjić, Igor Zidić representa esse círculo de poetas repleto de razões.

Pátria
É essa a terra: pedra marga
Arbusto que sofrendo cresce
Prado que como cavalo galopa
Mar profundo, pântano se afundando
Pico e vale que na sombra aprodresce
É essa a terra: cada um de nós
Tão robusto e tão quebradiço
Cada um com seus mil anos
E só com sofrimento nasce
Cada um de nós tão maleável e tão indomável
É esse o nosso corpo, o nosso rosto e nosso espírito,
É essa a nossa terra, orgulhosa e carinhosa.

Ainda na primeira metade dos anos 60, ocorre um grande momento de discussão acerca da posição da língua croata no contexto da então Iugoslávia, cujo idioma oficial era o servo-croata, hifenizando o falar štokaviano de quatro países: Croácia, Sérvia, Bósnia e Herzegovina e Montenegro, para os quais esse idioma servia como principal meio de padronizar a comunicação, discutido em maior detalhe por Puh (2019). Gradativamente encerra-se essa segunda fase de modernismo e passa-se já no final desta década para modernidade atual. Nesse período, tão como em outros lugares do mundo ocidental, os jovens questionam as velhas estruturas e exigem que a sociedade se preocupe mais com os temas contemporâneos. Os jovens rebeldes formam um movimento hoje conhecido como Primavera croata, querem mais e querem melhor, são ouvidos para depois serem para sempre silenciados pelas elites dominantes do país. Porém, a cultura forasteira entra com tudo. Os indivíduos nascem e se fortalecem, criando redes e trabalho, lendo uns aos outros. Tomam conta das editoras e das publicações coletivas, distanciando-se dos clássicos, procurando criar a sua voz. Aqueles que são expulsos para diversos locais do globo, em virtude da sua rebeldia, do mesmo modo que acontecia com os estudantes na virada do século 20, entram em contato com o novo, o diferente.

A CONTEMPORANEIDADE MODERNA CROATA NA OBRA DE RADOVAN IVŠIĆ E DRAGO ŠTAMBUK

Chegamos a um momento em que a produção do poeta croata, já radicado na França há quase duas décadas, foi oficializada na história da literatura croata. Nesse momento, que era também de resgate de autores que estavam distantes da pátria, Ivšić vê várias de suas obras sendo recepcionadas no antigo país, especialmente a epopeia *Narciso*, que é considerada como síntese da sua produção teatral e poética. Quem lhe dá um primeiro reconhecimento é um dos membros do Razões, Zvonimir Mrkonjić no seu estudo sobre a poesia contemporânea croata de 1971. Cita o eco, como um dos recursos estilísticos que marcam toda a sua produção que transita nesse sentido

entre a praxe modernista e vanguardista, trazendo diversos elementos mitológicos ligados ao mito original do Narciso para criar um eco do mito na modernidade. Aqui o autor manipula com os versos como meio de desconstruir os caminhos lógicos de entendimento linear ao qual estamos tão acostumados. Esse poema atingiu uma grande fama tanto na Croácia como em outros lugares onde se liam autores ligados ao grande mestre André Breton.

No caso brasileiro, um deles foi José Geraldo Nere, que em seu livro *Outros Silêncios*, de 2009 (p.38-39), publica o poema “Narciso de Radovan Ivšić”, uma homenagem poética que para nós representa uma ponte de conexão entre o Brasil e a Croácia. Outra grande contribuição para a disseminação da poesia desse autor se deu com a publicação da *Poesia reunida*, em 2013, pela Lumme Editora, e na tradução de Eclair Antonio Almeida Filho, que possibilitou que a sua obra seja lida no país do modernismo (poético). Aqui finalmente o público brasileiro pode ler, em francês e português, o *Narciso*, com 78 páginas de exploração sonâmbula, como comenta Fernando Paixão, no seu prefácio ao livro; daí que vale a pena colocar esse pequeno trecho que nos traz esse mundo especial:

narciso
sonha
ao longo das funduras inaudíveis

quando a noite
vestiu
de relva
todas as borboletas
embaraçaram
as vagas

ele sonha
as redobras
espantosas

Encontramos outros poemas importantes para o entendimento do percurso histórico de Ivšić - a Mavenna que na realidade é uma coletânea de poemas escritos nos primeiros anos de mudança para a França, a que lançou o escritor para a fama mundial, contando com as ilustrações de Joan Miró. Vejamos os três primeiros versos que

novamente trazem a poética dos sonhos à tona:

Nem sim nem não: ela é inteira.
Uma barca: basta para que ela se cale.
Os peixes vêm a ela assim como o sonho.

Chama atenção nessa poesia reunida a coletânea *A travessia dos Alpes*, em que o autor explora, nos anos 1970, junto com a sua companheira, a poeta Annie Le Brun e amigo escultor Fabio de Sanctis, as paisagens em movimento de uma das suas muitas viagens pela Europa até o país de origem. Incluiremos os cinco versos que ajudam a apontar para a condição de eterno viajante e migrante do nosso poeta:

A poesia se escreve com o alfabeto dos vagabundos.
Um encontro se dá com o emigrante com olhos de mica.
A língua muito rosa do gatinho lambe o moderno.
Somos sós como as montanhas.
Temos cúmplices por toda parte.

E de fato esse cúmplice Drago Štambuk procura na sua poesia, e em diversos lugares, uma estratégia essencial de migrantes que ecoam em suas obras. As metáforas inusitadas marcam as obras dos dois, dando margem sempre para as interpretações surrealistas. Ivšić encontra seus cúmplices também diretamente nos poemas, saudando o já comentado representante da primeira fase do modernismo Anton Gustav Matoš, com o qual cria um paralelo a partir do seu histórico de vida, ambos sendo nômades e para alguns desertores. Segue o poema que nos traz uma lembrança de encontro dos dois nunca vivida pelo nosso poet, que nasceu em 1921, 7 anos depois que AGM faleceu, mas passando por situações semelhantes de exílio forçado; o primeiro em 1899 e o segundo em 1954.

Era um dia de inverno, há muito tempo, em 1954,
quando te encontrei pela primeira vez
ao cair do dia
sobre a fragílisma Passarelle Des Arts.

Tu vinhas a pé
De muito longe

e sem sapatos
entrando já na lenda:
tu não eras somente
um grande nômade
melhor
tu eras
um desertor.

Fazia frio naquele dia de dezembro de 1954.
Como em 1899, parecia-me,
Por toda a volta havia sempre as mesmas trevas
a mesma distância opaca
e o mesmo abismo intransponível.

O abismo intransponível das trevas autoritárias que os dois sentiam no seu país de origem foi algo que fez muitos outros poetas saírem do país até os anos 1980, durante o conhecido período do “silêncio croata”. O desconhecido vem com a morte do eterno e inquestionável marechal e presidente Josip Broz, mais conhecido como Tito. Explodiram os sonhos e as expectativas, só sobraram metáforas, com elas o establishment não sabe lidar e os deixa se multiplicando. A poesia se liberta e faz mais do que antes podia numa entropia de vozes e propostas para o futuro deste país multiétnico. Anos passam, a instabilidade aumenta até o fim de uma união, a segunda tentativa dos eslavos de conviveram como um só. Assim, parou-se com o apresentar dos anos 80 e partiu para o representar dos anos 90, quando novamente os poetas começam a acreditar no poder das suas palavras e no sentido da sua fala, mas perdem-se em uma guerra, essa de irmãos e primos, raivosos e deselegantes. Só na metade da nona década do século 20, os croatas recuperaram suas terras, e com muito esforço e sofrimento. Falam do seu cotidiano, envolvem-se consigo mesmo, mesmo quando ficam livres de restrições anteriores, aquelas do coletivo e social. Improvisam, memetizam e criam novas conexões com o virtual, o visual e o popular. Voltam para as leituras dos clássicos, dos primeiros e segundos modernos, aproveitam as estratégias surrealistas e também voltam para a literatura regional.

Essas são as influências presentes na obra de Drago Štambuk, nascido na ilha de Brač, mas com formação e vivências nas duas maiores cidades da Croácia, Split e Zagreb. Essa última era o local de

nascimento do próprio Radovan Ivšić que foge dela poucos anos após a chegada ao mundo do pequeno dalmata que lá estudou Medicina. Na sua ilha ,ele cria o festival Croatia Rediviva – uma Croácia Restaurada, referindo-se à famosa obra de Pavao Ritter Vitezović que, em 1700, previa o renascimento total da Croácia, após um longo período de luta contra o Império Otomano. Esse manifesto poético foi tão importante que serviu como base para o comentado Renascimento Popular Croata, que procurou criar e afirmar uma identidade croata como projeto nacional. Drago Štambuk aproveitou a obra inspiradora de Vitezović para colocar em prática a sua “fórmula mágica” do ča-kaj-što, também hifenizados para expressarem a conexão intrínseca e inquebrável dos três dialetos croatas, que são a garantia da permanência e preservação do patrimônio cultural do país. Assim, talvez prevendo um outro renascimento popular mais íntimo e poético, esse ex-embaixador da Croácia no Brasil recebe o seu reconhecimento em 2019,quando essa fórmula é elevada ao nível de patrimônio imaterial da Croácia.

Ele escreve no e sobre Brasil, criando coletâneas de poesias com uma grande intensidade nos quatro anos em que serviu no país, vindo a sua primeira obra publicada pela Editora PUCRS, em 2014, sob o título de *Céu no Poço*, uma das primeiras publicações bilíngues croata-português publicadas em terras brasileiras. Trata-se de um trabalho conjunto de Tomislav Correia-Deur e Milan Puh, que trouxeram a riqueza dialetal e local de Štambuk para o imaginário brasileiro. O livro se inicia com tercetos com forte presença de metáforas sensoriais, não tão distantes do que faria Ivšić. Assim podemos citar alguns que ilustrarão o poder ilustrativo da experiência brasileira do poeta ilhéu.

Uma maçã recaída,
apodrecendo da terra.
O cheiro de açúcar.

Segundo a imagem de Deus
foi criado. Ovo fresco,
sujo de excremento.
No Adriático,
o sol
armazenado.

Corpo da montanha,
recobre o passarinho.
Aquecendo-o congelado.

Nos primeiros dois tercetos, encontramos justamente rápidas imagens de um mundo em constante mudança, porém, em decadência e decomposição, presente em toda a coletânea, enquanto nos outros dois, um exemplo de retorno à terra natal, ao mar Adriático onde a sua ilha se localiza e as montanhas altas do continente para os quais ele olhava enquanto criança. Alternância de temas brasileiros e croatas é um poético comum nessa parte, e no livro como um todo, denotando a incapacidade do autor não se sentir estranho e estrangeiro em ambos os lugares. Sente a saudade e a melancolia da terra da qual está muito longe e o choque ou deslumbre com este vasto território que observava em Brasil(ia).

A segunda parte do livro chama-se a “Criação inacabada do mundo”, o centro da produção poético-fantasmagórica desse médico-sonhador, que resultará em uma segunda publicação com este nome em 2015, agora pela editora 7Letras, e na tradução de Milan Puh. Citaremos as primeiras duas estrofes que representam bem esse modo de sonhar sombrio que distancia Štambuk de Ivšić, pelo fato de não acreditar em um mundo no qual é possível sonhar sem perceber e estar atento ao que acontece na realidade empírica.

Embora sonhe sem sono.
É cego, mas vê.
Nascido do céu,
governa distribuindo nomes
para as flores terrenas.

Alma selvagem e domesticada,
entre a floresta e os campos.
O oceano e a parede de gesso de Brač.
Pedra perpassada por alma
e meu mar negligenciado.
Não governa com o poder,
mas com o espírito lida,
enquanto tuas paredes delimitam-te
para cima, aberta, cidade.
Sem a nobreza de espírito, o poder vira maligno.

Embora o poeta comece com uma visão do sonho peculiar, em que a visão é cega, referindo-se talvez à incapacidade de entender esse novo mundo em que se encontrava, um tanto selvagem para o olhar ocidental de um morador temporário de Brasília. Aqui ele novamente sente a necessidade de se referir a sua ilha natal, como um modo de traduzir essa cegueira para termos familiares e relacionar a incapacidade de superar a vastidão entre a política politiquês e a política do povo, daí que ele ressalta que a governança se dá sem o uso do poder e que sem a nobreza de espírito, ele mesmo vira maligno. Esta é uma crítica mais direta ao modo de governança atual, que se manifesta de um modo mais subliminar em Radovan Išić, que também gosta de traduzir culturalmente a sua vivência na França, contextualizando a sua poesia inclusive na Dalmácia, região que também engloba a ilha de Brač, e onde ele fazia os seus estudos do meio e das tradições locais, para dizer “Salve-se, doença, que a saúde bem chegando!”. Esse título de poema do surrealista se choca com as descrições do mundo visto e sentido do médico que provavelmente inverteria a sua lógica. Não é por nada que no fim do poema *Miséria do apicultor* que a morte reina no mundo natural. Nessas três últimas estrofes notam-se a tristeza e a dor que Štambuk sente pelas abelhas, como se fossem famílias, uma parte inseparável da vida, cuja perda indica um término absoluto.

Minhas doces abelhas,
Meu rebanho madrugador,
Como enxames dourados
abandonaram pastagens,

abandonaram flores
riachos e fontes,
deixaram-me triste
– cansado de carcaças,

porque perder as abelhas
é como definhar.

Porém, nem tudo na poesia brasileira de Štambuk indica só percepções moribundas em um local distante do seu, pois ele, como

eterno nômade pelo vasto território dessa nova casa, encontra espaços mais próximos, quase uma casa. Aqui a araucária representa um refúgio para o nosso migrante-poeta, que chega na colônia de Entre Rios no Paraná, onde descobre um pedaço da sua pátria croata recriado por um povo que se identifica diferente. Foi essa vegetação que recebeu tantos povos étnicos que rapidamente derrubou para as suas plantações, e não foi diferente com os suábios do Danúbio, que o poeta chama de alemães-croata, o que eles de fato são, de fato (culturalmente) e de direito (historicamente), resultado de misturas e identidades híbridas que tanto os croatas na Antiga Pátria tentam esconder quanto os suábios no Nova querem esquecer, silenciando-se os convívios e as trocas que as migrações possibilitam. Talvez esse poema seja o vínculo mais direto entre a Croácia e o Brasil, pelas migrações de um povo que fez história lá e cá, sempre à margem dos acontecimentos, mas essencial para que as distâncias, e não só poéticas, diminuam. Vejamos, por fim, o que o ex-embaixador escreve no caminho de Entre Rios para Curitiba, no dia 16 de julho de 2011.

Araucária

Araucária, araucária, árvore da minha primeira juventude,
nome estranho, da imaginação maravilhosa de lugares longínquos.
Eu vim visitá-la, sem convite, Entre Rios,
entre alemães croatas. Na velhice eu vejo claramente
montões coníferos, verdes-escuros como a morte.
Paraná inteiro, é seu grande cemitério, terra de
horizontes claros e pores-do-sol sangrentos. Enquanto trigo,
cevada, milho, soja crescem nos campos, espaçosos
como na Eslavônia, ligeiramente inclinados para o lado.
Entre as cinco aldeias, no meio da floresta de coníferas,
Capela da Santíssima Virgem Maria com mosaico do
Martírio à sua direita e com o abrigo local à esquerda.
Padre Wendelin Gruber manteve sua promessa de erguer para Maria
uma igreja e fazer uma peregrinação anual, erguendo
o sinal do centro espiritual que mantém as cinco aldeias
juntas. As pessoas diligentes que fugiram do
terror da vingança na nossa terrinha infeliz aqui
encontraram paz; de semear e colher, de construir casas
e criar filhos – esquecendo-se das palavras croatas.
De vez em quando aparece uma nestes pioneiros: dada
para pai, Dura para Jorge. As lágrimas de Antônio Apto,
embaçados cantamos: há dias em que eu não sei o que fazer,
do amor que me dá dor... Ressurge a miséria acumulada
durante anos, a tristeza de Gakovo e a mágoa pesada de

Bleiburg, coladas junto no coração que, exprimido com elas,
mal consegue bater no momento quando as grandes águas de
choro surgem como uma cavalaria selvagem.
Ele tem 90 anos de idade,
orgulhosamente aponta sua velhice, como se tivesse
ganhado com ela o seu ouro.
Anton Apt de Jarmina, com a lesão na testa
que o apresenta como vulnerável, que ativa
o seu terceiro olho e faz com que eu o ame.
Veículo longo,
veículo longo do caminho da sua vida. Sobreviver é tudo,
meu querido Antônio. Hoje no caminho para
Curitiba penso num Brač que queima até o céu, na Virgem do Carmo,
na nossa padroeira, neste momento:
aqui agora são 13 horas, com cinco horas de diferença, em Brač
são 18: na procissão, em 1943, na aldeia queimada de Selce,
ela está sendo levada para fora.
Há três anos, algo em mim quebrou, fachada caída numa bela
igreja – a tristeza da degradação deixou a marca. Nossa Senhora
vai sem mim cumprir a sua promessa, e o meu caminho

no outro lado

do mundo vou acrescentar como uma vírgula na coroa para a
peregrinação do padre Wendelin cuja dedicação a Maria li
ontem no meio dos arados de Entre Rios, entre rios – como
dantes era o espaço entre Drava, Sava e Danúbio.
Slavonija é a Mesopotâmia croata, e a araucária, árvore
milagrosa, um sinal da minha juventude triste.

A riqueza do entrelaçamento histórico-imagético entre os dois países, suas cidades e protagonistas novamente estão presentes nesse quase relato escrito num fluxo de pensamento. Štambuk menciona localidades como Gakovo e Bleiburg, onde houve muita morte de povos que residiam na Croácia; o primeiro, desastroso para os suábios, descrito pelo padre Wendelin Gruber, no seu livro *Nas garras do dragão vermelho*; e o segundo, para os croatas e todos os que tentaram fugir após a queda do Estado Independente Croata e fim da Segunda Guerra Mundial. Não só isso, mas a aldeia de Selce, a primeira casa do nosso poeta, entra como um local de violência e morte após a sua queima pelos soldados italianos, em 1943. Por todos os lados, Štambuk vê sofrimento, mas também uma possibilidade de recomeço onde “encontraram paz; de semear e colher, de construir

casas e criar filhos”, o lema dos suábios de Entre Rios, agricultores que reproduziram um modo de vida agrícola trazido da Eslovênia – região croata onde se estabeleceram durante décadas e que lhes deu sustento e meios de sobrevivência. Este poema-relato exige, como em muitas outras produções do médico da dor, níveis de interpretação histórica, cultural, social e, em especial, artística, que nós exploramos brevemente na sua obra traduzida para o português. No seu caso, é possível traçar algumas correlações mais diretas com a estadia no Brasil e os elementos.

Como conclusão, é preciso dizer que a literatura croata está presente no Brasil de modo mais explícito somente a partir dos anos 2010, basicamente no período mais recente da história da Croácia. Por isso consideramos importante lançar o olhar para mais longe e recuperar esse longo caminho que este país e sua população percorreu até que as primeiras obras de seus poetas sejam traduzidas para a língua portuguesa. Infelizmente percebemos que as publicações *Poesia reunida*, de Radovan Ivšić, e *Céu no Poço e Criação inacabada do Mundo*, de Drago Štambuk, são frutos de interesses e oportunidades isoladas. Ivšić - poeta modernista e surrealista - é conhecido como um dos principais discípulos de Breton, com uma grande produção feita na língua francesa, o que facilitou a sua circulação internacional, chegando com certo atraso no Brasil. Štambuk, por outro lado, com sua produção eclética e diversa, com traduções para várias línguas, gozou da oportunidade de ser embaixador no Brasil e ver a sua obra sendo reconhecida por algumas instituições brasileiras, por editoras e que receberam traduções de membros da comunidade croata com vocação para tradução. Trata-se, em ambos os casos, de uma junção de circunstâncias felizes, que deram lugar às publicações, o que indica uma falta de interesse e preocupação por parte dos dois países em verem uma presença maior de poesia croata no Brasil, já que na Croácia a poesia brasileira conta com antologias e publicações específicas de poetas, certamente ainda não em um número que mereceria. Esperamos que esta rápida história da literatura, feita de algumas cenas e momentos que se destacam no cenário geral croata e principalmente no caso dos dois escritores que o leitor brasileiro terá a oportunidade de ler, poderá servir como uma introdução no assunto,

“denunciando” uma necessidade de uma maior produção nacional de traduções, antologias e outras publicações afins. Pois, não são poucas as equidistâncias poéticas entre a Croácia e o Brasil, contactados pelas temáticas literárias e legados migrantes.

REFERÊNCIAS

- IVŠIĆ, R. *Poesia reunida*. 1. ed. Osasco: Lume, 2013.
- PUH, M. Nas manhas do poder: o histórico da independência linguística e cultural na Croácia e no Brasil nos séculos XIX e XX. *Revista Escrita* (PUCRJ. Online), v. 19, p. 183-199, 2014.
- _____. *Croácia no Brasil entre 1918 e 1945: Segunda fase da imigração*. 1. ed. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2018. 532p. v.1.
- _____. *Croácia no Brasil após 1941: terceira fase de imigração*. 1. ed. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2019. v. 1. 740.
- ŠTAMBUK, D. *Céu no Poço*. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2014.
- _____. *A criação inacabada do mundo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.